

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

**O livro didático: seu papel no processo
ensino - aprendizagem**

Rita de Carcia Sousa Silva

Cajazeiras, Dezembro de 1995

Rita de Carcia Sousa Silva

O livro Didático: Seu papel no processo ensino - aprendizagem.

**Trabalho apresentado
para a conclusão do
curso de graduação
em pedagogia, do CFP
Campus V, Cajazeiras
Orientadora: professora
Maria Alcides Pinto de
Macêdo Almeida.**

Cajazeiras, Dezembro de 1995

- A Deus por ter me dado forças para vencer esta grande batalha.

- Aos mestres, por ter me encorajado para continuar o curso.

Pensamento

“ Ensinar é sobretudo tornar possível aos educandos que epistemologicamente curiosos vão se apropriando da significação profunda do objeto, somente como aprendendo-o pode aprendê-lo”.

(Freire, 1993 p - 70)

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| I - Introdução | 04 |
| II - Desenvolvimento | 06 |
| III - Metodologia | 08 |
| IV - Conclusão | 09 |
| V - Bibliografia | 10 |
| VI - Anexos | 11 |
| 1. Projeto | 01 |
| 2. Ficha de Relatório | 14 |
| 3. O uso do Livro Didático | 17 |
| 4. O Livro Didático: Seu Papel no Processo Ensino Aprendizagem. | 21 |

INTRODUÇÃO

**“ O livro didático é um dos veículos utilizados pela escola para a transmissão da ideologia burguesa”
(FARIA 1994)**

Tentarei refletir neste trabalho um pouco do que aprendi sobre livro didático.

A minha experiência se deu na escola Estadual de 1º grau Antônio Gomes Barbosa, na Cidade de São José de Piranhas.

No primeiro momento os professores ignoraram o tema, mostrando-se indiferentes fazendo-me pensar que não haveria contribuição no sentido de juntos buscarmos uma maneira de trabalhar melhor o livro didático.

No segundo momento houve reações de interesses por parte dos professores. Passei assim a acreditar na possibilidade de concretizar esse trabalho.

Fazia (1994) destaca que o livro didático é um dos instrumentos que tem privilegio para garantir a ideologia burguesa.

Essa ideologia é transmitida muitas vezes das gravuras, das situações, das histórias narradas e principalmente dos conceitos morais e lingüísticos etc.

Entretanto seja qual for a forma de trabalhar, o livro didático, este assume um papel significativo vez que “ é um elemento tão presente na sala

de aula quanto o professor” havendo aqueles professores “ que chegam a proibir a entrar na sala os alunos que não tinham trazido o livro”

MOLINA (1988 - p - 13)

O presente trabalho se apresenta como uma reflexão crítica da pratica com o livro didático no dia - a - dia da escola.

DESENVOLVIMENTO

MOLINA (1988 - P- 18) nos diz que "o livro didático adquire especial importância quando se atenta para o fato de que ele pode ser, muitas vezes, o único livro com o qual a criança tem contato. Considerando-se o fato de que, ao deixar a escola, pode ocorrer que jamais tornem a pegar em livros percebe-se que para muitos cidadãos, o livro didático termina pôr ser "O livro".

Relacionando o que diz **MOLINA** com o que vi na prática na verdade, esta afirmação é real, na sala de aula, tendo em vista que a maioria das crianças é de origem pobre não dispendo de outros materiais escritos em casa nem na escola.

Muitas vezes as crianças não dão nenhuma importância aos conteúdos trabalhados pelo professor apresentando-se desinteressados. Durante o estágio o professor observado dava total importância ao livro didático, pois o mesmo sempre procurava o livro, para que com o seu auxílio pudesse dar e explorar uma aula.

MOLINA (1988 - P.10) afirma que "O livro didático não é um fim em si mesmo, mas um complemento ao trabalho global dos professores".

Diante desta afirmação destacarei algumas colocações feitas pelos professores, durante o estágio que geraram discussões revelando assim a compreensão dos professores e analisando assim sua prática com o livro didático:

Professor (1):

"Livro didático é um ponto de apoio que o professor usa em sua sala de aula".

Professor (2):

"É através do livro que transmitimos assuntos muito importantes. Com ele facilita melhor o ensino".

Professor (3):

"Livro Didático é importante porque o aluno retira as tarefas e aprende coisas importantes com a leitura e os conteúdos".

O livro didático torna-se um instrumento fundamental para o professor, no sentido de ajudar a planejar questionando o que vai ser dado em sala de aula. Pois sua função é de auxiliar tanto o professor quanto o aluno no processo ensino-aprendizagem.

Comparando a fala dos professores com o que vi na prática, percebi que estes estudos contribuíram para uma boa reflexão a respeito do livro didático, fazendo com que professores e alunos dessem maior importância, não deixando-o em segundo plano. Segundo a afirmação de MOLINA (1988 - P. 15) quando diz que:

"Não basta ter um bom livro, é preciso que o aluno se aproveite dele. Estudar é comportamento aprendido às custas muitas vezes de grande sacrifício. Um bom livro didático deveria ao lado do conteúdo, ensinar também ao aluno como estudar para aprender, pressuposto que, ao sair da escola, o aluno deve continuar estudando, ou seja buscando pôr sua própria conta e risco as informações que lhe parecerem relevantes".

Metodologia

A metodologia utilizada neste trabalho busca encontrar uma maneira de compreender como o professor e aluno utilizam o livro.

No primeiro momento, procedemos uma revisão bibliográfica, com fichamentos;

No segundo momento, seminários;

No terceiro momento, observação ao professor na sala de aula;

No quarto momento, estudo com professores;

No quinto momento, monografia.

Conclusão

Concluindo este trabalho descobri no decorrer de cada estudo sugerido representava mais um ponto de partida para se discutir o tema em questão. Minha tarefa primordial, constituiu em analisar, criticar, avaliar e sintetizar o uso do livro didático pelos professores e alunos procurando fornecer subsídios possíveis para a melhoria de um bom aprendizado.

Este trabalho foi de uma responsabilidade profunda, desde o aprofundamento teórico, até a produção escrita, foram momentos de muita renúncia e dedicação.

BIBLIOGRAFIA

NOVA ESCOLA, N° 37 - março - 1990

**FARIA, Ana Lúcia de - Ideologia do Livro Didático.
São Paulo, Cortez - 11ª edição, 1994.**

**MOLINA, Olga - Quem engana Quem?
professor Livro didático-2ª edição, Campinas São Paulo: Papyrus, 1988.**

**FREITAG, Barbara - O Livro Didático em Questão.
São Paulo, Cortez - 2ª edição, 1993.**

**CARVALHO, Nelly. O livro didático e o professor. In. JORNAL DA
ALFABETIZADORA. N° 14 PORTO ALEGRE, KUARUP, S/d.**

**DEIRO, Matias de Lourdes Chagas: As Belas Mentiras: a ideologia
subjacente aos textos didáticos. São Paulo, Moraes, 11ª edição.**

ANEXOS

**Universidade Federal da Paraíba
Centro de Formação de Professores
Departamento de Educação
Coordenação de Pedagogia**

O Livro Didático: Seu Papel No Processo Ensino-Aprendizagem.

**Elaboração:
Rita de Carcia Sousa Silva**

**Orientadora:
Maria Alcides Pinto de Macêdo Almeida**

Cajazeiras, Dezembro/1995

Índice

| | |
|---|-----------|
| 1 - Justificativa | 01 |
| 2 - Objetivos | 02 |
| 3 - Marco Teórico | 03 |
| 4 - Metodologia | 11 |
| 5 - Cronograma | 12 |
| 6 - Referências Bibliográficas | 13 |

JUSTIFICATIVA

A educação existe porque alguém a produz para servir como expressão do pensamento e conseqüentemente como instrumento de comunicação.

Assim, a educação pode ser vista tanto como processo de formação global do indivíduo, engajado nas suas relações sociais, políticas, econômicas e culturais, como pode servir aos interesses da sociedade que a mantém.

Dessa forma, a escola, pela função social que desempenha pode atuar como espaço possível de construção do saber sistematizado, fazendo com que o educando seja capaz de recriar o mundo do qual faz parte.

Na escola acontece um processo interativo, sendo portanto, um bem comum e a sala de aula é espaço onde o professor atua como mediador desse processo.

A escola pública, na realidade brasileira, particularmente, no sertão nordestino, sofre as conseqüências da falta de recursos de toda ordem.

Ausência ocasionada pôr desigualdades de todo tipo e pôr desinteresse em relação a cultura escrita. Com esse propósito pretendemos juntamente com professores da 2ª série da Escola Estadual de 1º grau Antônio Gomes Barbosa, analisar, o livro didático enquanto recurso metodológico.

Tal estudo se configura, como uma das atividades necessárias ao trabalho do supervisor com vistas a melhoria do processo ensino-aprendizagem. Na perspectiva de exercer a supervisão, o trabalho ora proposto se justifica como necessidade premente.

OBJETIVOS

Verificar o trabalho realizado com o livro didático, numa turma de 2ª série referente as atividades desempenhadas na área de Estudos sociais;

Promover estudos com professores acerca do livro didático;

Estabelecer um paralelo entre os conteúdos e exercícios apresentados no livro didático com a realidade/necessidade dos educandos.

MARCO TEÓRICO

O Livro Didático: Seu Papel no Processo Ensino-Aprendizagem

A educação existe porque alguém a produz para servir como expressão do pensamento e, conseqüentemente como instrumento de comunicação.

Dessa forma, a educação pode ser vista como elemento de formação global do indivíduo engajado nas suas relações sociais, políticas, econômicas e culturais com reflexo da sociedade que a mantém.

A escola, pela função social que desempenha pode atuar com espaço possível de construção do saber sistematizado, fazendo com que o educando seja capaz de recriar o mundo do qual faz parte.

Recriar significa participar ativamente das atividades escolares engajando-se nos movimentos de comunidade, nas reivindicações coletivas no ambiente no qual está inserido.

Para que a escola cumpra a sua função social é preciso que ela repense a sua forma de transmissão do saber e questione o (mundo) modo como trabalha os conteúdos curriculares.

Uma forma que a escola de modo geral, repassa tais conteúdos é através do livro didático.

Esse livro didático tem papel importante no processo ensino-aprendizagem pôr constituir-se muitas vezes no único material escrito encontrado na sala de aula e conseqüentemente na vida das crianças, em cujas moradias não há ambiente à leitura, conforme afirma MOLINA (1988-p.18):

“O livro didático adquire especial importância quando se atenta para o fato de que ele pode ser, muitas vezes, o único livro com o qual a criança tem contato. Considerando-se o fato de que, ao deixar a escola, pode ocorrer que jamais tornem a pegar em livros. Percebe-se que, para muitos cidadãos, o livro didático termina pôr ser “O” livro.

Embora o livro traga no seu bojo tamanha responsabilidade, o que é questionável é a forma como a escola o utiliza reforçando a divisão da sociedade em classe, sendo portanto um instrumento ideológico a serviço dos dominantes, o que pode ser confirmado pôr FARIA (1994):

“O livro didático é um dos veículos utilizados pela escola para a transmissão da ideologia burguesa”.

Essa ideologia é transmitida muitas vezes através das gravuras, das situações, das histórias narradas e principalmente através dos conceitos morais e lingüísticos etc.

Entretanto seja qual for a forma de trabalhar o livro didático, este assume um papel significativo, vez que “é um elemento tão presente na sala de aula quanto o professor.” havendo aqueles professores” que chegam a proibir a entrar na sala, os alunos que não tenham trazido o livro” (MOLINA, 1988-p.13).

O surgimento do livro didático no Brasil tem pouca memória do ponto de vista histórico. Sabe-se que durante muito tempo os livros existentes eram exportados da França e que somente a partir de 1930, dada a crise financeira mundial, o acesso a tais livros ficou inviável pelos

custos desorbitantes, consequência da desvalorização da moeda brasileira, fazendo com que o produto nacional competisse no mercado interno, segundo afirma HOLANDA (1957):

“Com efeito a queda da nossa moeda, conjugada com o encarecimento do livro estrangeiro, provocado pela crise econômica mundial, permitiu ao compêndio brasileiro - antes mais caro do que o francês - competir comercialmente com este”.

A década de 30 marca o histórico do livro didático no Brasil, ou melhor dizendo, a política do livro didático no Brasil, pôr ser a partir da Revolução de 1930, com a criação do MEC que surgem as primeiras leis que versam sobre a questão do livro didático.

Em 1937 o Estado Novo assegura a divulgação e distribuição de obras de interesse nacional e cultural. Cria-se então, neste período o Instituto Nacional do Livro (INL) sendo subordinado, ao MEC.

A partir daí foram surgindo outros órgãos menores para tratar especificamente da referida questão e também tinham como objetivo segundo FREITAG (1993 p 12):

“Planejar as atividades relacionada com livro didático e estabelecer convênio com órgãos e instituições que assegurassem a produção e distribuição do livro didático.”

Assim vai tomando forma a história do livro didático do ponto de vista legal, O advento do decreto lei nº 1.006/38 define inicialmente o que devem-se entender pôr livro didático. Em consequência deste decreto é criada uma comissão Nacional do Livro Didático (CNLD), sendo cabível,

para indicações dos livros escolhidos para fazer tradução e promover concursos para produção de outras espécies de livros didáticos ainda não existentes no país.

A Comissão Nacional do Livro Didático passa em 1939 com o decreto lei nº 1.117/39 a ter mais membros na sua composição sendo aumentada também o controle sobre este, pelo poder central do MEC vez que ele controlava a comissão.

Em 1945 evidenciam-se críticas questionando a legitimidade da citada comissão, o que é silenciada pelo decreto Nº 8.460/45, tornando-se legal.

Por volta de 1947, o Ministro Clemente Mariani Solicita um parecer jurídico julgando a legalidade ou ilegalidade da referida comissão.

A revelia do controle do ministro, a comissão persiste, segundo BOMÉNY, citada por FREITAG et al. (1993 p, 14):

“(...) com seus plenos poderes, que sejam resolvidos os vários impressos decorrentes da centralização do poder, do risco de censura, das acusações de especulação comercial e da manipulação política, relacionada com o livro didático”.

Na década de 60 foram assinados os vários acordos entre o governo brasileiro, (Ministro da educação e cultura e o americano), (Agência Norte - Americana para o desenvolvimento Internacional) denominado MEC/USAID criando ao mesmo tempo a comissão do livro

técnico e do livro didático (COLTLD), com objetivos de distribuir gratuitamente livros para os estudantes brasileiros, implantar bibliotecas e promover os cursos de reciclagem.

O advento de tais benefícios da USAID serviam como objeto de manipulação americana sobre o Brasil, o que foi contestado pelos educadores segundo nos afirma FREITAG, (1993 p.14):

“ A ajuda da USAID era denunciada por críticos da educação brasileira como um controle americano do mercado livreiro. Especialmente do mercado do livro didático.

Esse controle garantia por sua vez, o controle também ideológico de uma fatia substancial do processo educativo brasileiro”.

Em 1968 foi criada a fundação Nacional de Material escolar (FENAME) sendo em 1976 alterada, ficando encarregada de assumir o programa do Livro Didático (PLD), ainda formalmente sob competência do Instituto Nacional do Livro (INL) subordinada ao MEC.

Em 1971 a comissão do Livro Técnico e do livro Didático é extinta, sendo criado o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD).

Em 1980 o MEC cria o programa do livro didático-Ensino Fundamental (PLIDEF) é instituído em 1983 a fundação de assistência ao Estudante (FAE) - órgão do MEC “presta” assistência ao estudante a partir do pré - escola até o 2º grau.

A FAE

Reúne os vários programas de governo, ficando sob sua questão programas editoriais, do material escolar, bolsas de estudo e outros

Essa centralização deu margem a inúmeras críticas, desde a dificuldade de distribuição dentro do prazo passado pelo gerenciamento das empresas e editoras até a própria escolha do livro didático.

Em 1984, foi criado o comitê de consultores para a área Didático - Pedagógica que tinha como premissa básica subsidiar a formulação das políticas do livro didático.

A atuação do referido comitê nunca atingiu plenitude, sendo desativada em 1985.

A partir desta data (1985) é oficializada a escolha do livro didático pelo professor, o que traz na sua envergadura novas preocupações.

As condições de vida dos professores de modo geral, os impedem de ter acesso a jornais, revistas, que possam abrir os horizontes acerca do que se publica, como e com quais objetivos.

Assim os professores escolhem através de catálogo aqueles livros mais conhecidos reforçando o que nos afirma MOLINA (1988 p. 24):

"Quem edita mais divulga mais e, com isso, forma-se um círculo vicioso: as editoras mais poderosas exercem maior pressão sobre os professores."

Acrescenta-se a isso, a precária formação política-pedagógica da maioria dos professores e a pouca ou nenhuma familiaridade com novos livros tornando sem validade a oportunidade de escolha.

O direito que tem o professor de escolher o livro com o qual vai trabalhar choca-se na prática com a falta de condições concretas de exercer esse direito.

Dessa forma, as condições de trabalho dos professores obrigam-no a ter mais de um emprego e praticamente não lhe sobrar tempo para preparar uma aula antes de entrar na sala. A alternativa é realmente abrir o livro e basear-se nele” (NOVA ESCOLA - N° 37. p.40).

Assim, o livro tem caráter de manual de bíblia. Uma pesquisa realizada em (1993), concluiu que a maioria dos professores escolheu o livro com o qual estava trabalhando e 75% destes gosta do referido livro.

Tal constatação nos remete a questão maior do hábito de leitura que têm os professores. O professor que lê pouco, passa sublinaramente para seus alunos o desprezo pela leitura. Segundo Freitag et al (1993)” os hábitos de não - leitura do professor são repassados aos alunos”.

Outra questão que se apresenta é o comodismo que o livro didático traz em sua bagagem. Não só nos livros de leitura, mas outros tantos, como por exemplo, de matemática, estudos sociais etc.

A maioria dos livros acomoda tanto o professor como os alunos no desenvolvimento das atividades rotineiras, tornando as aulas monótonas e repetitivas.

Essa prática de trabalho com o livro em sala de aula, além de amortecer a dinâmica da prática docente, limita a criatividade do aluno por

não estimular o lado artístico, a expressão oral e escrita, o manuseio de materiais que desenvolvam os aspectos lógicos - matemáticos, efetivos, pisco - motores.

Nesse enfoque, o trabalho inerte com o livro didático restringe os conhecimentos por não "exigir" do professor pesquisa a outras fontes tornando-o mero repetidor das idéias do autor.

Os exercícios e atividades e atividades sugeridas na maioria dos livros não desenvolvem o raciocínio, por serem mecanizados. Estimula a decoreba e inibem a construção do saber.

Por isso, discutir o livro didático no processo-ensino-aprendizagem torna-se no momento atual, extremamente relevante pelas inúmeras questões que suscita em torno do papel que ele desempenha em sala de aula, no contato direto com alunos e professores, sendo portanto, de grande interesse a todos os educadores.

CRONOGRAMA

| ATIVIDADES | AGOSTO | | | | SETEMBRO | | | | OUTUBRO | | | | NOVEMBRO | | | | DEZEMBRO | | | |
|--|--------|-----|-----|-----|----------|-----|-----|-----|---------|-----|-----|-----|----------|-----|-----|-----|----------|-----|-----|-----|
| | SEMANA | | | | SEMANA | | | | SEMANA | | | | SEMANA | | | | SEMANA | | | |
| REVISÃO BIBLIOGRÁFICA | 1ª/ | 2ª/ | 3ª/ | 4ª/ | 1ª/ | 2ª/ | 3ª/ | 4ª/ | 1ª/ | 2ª/ | 3ª/ | 4ª/ | 1ª/ | 2ª/ | 3ª/ | 4ª/ | 1ª/ | 2ª/ | 3ª/ | 4ª/ |
| ESTUDO TEÓRICO | | | | X | X | X | X | X | | | | | | | | | | | | |
| VISITA A ESCOLA | | | | X | X | | | | | | | | | | | | | | | |
| CONTATO COM PROFESSORES E PESSOAL DE APOIO | | | | | | X | X | | | | | | | | | | | | | |
| OBSERVAÇÃO EM SALA DE AULA | | | | | | X | X | X | X | X | | | | | | | | | | |
| ESTUDOS COM OS PROFESSORES | | | | | | | | | | X | X | X | X | | | | | | | |
| SISTEMATIZAÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS | | | | | | | | | | | | | | | X | X | | X | X | |

BIBLIOGRAFIA

NOVA ESCOLA, N° 37 - março - 1990

FARIA, Ana Lúcia de - **Ideologia do Livro Didático.**
São Paulo, Cortez - 11ª edição, 1994.

MOLINA, Olga - **Quem engana Quem?**
Professor Livro Didático - 2ª edição, Campinas
São Paulo: Papyrus, 1988.

FREITAG, Barbara - **O Livro Didático em Questão.**
São Paulo, Cortez - 2ª edição, 1993.

CARVALHO, Nelly. **O livro didático e o professor.** In JORNAL DA
ALFABETIZADORA. N° 14 PORTO ALEGRE, KUARUP, S/d.

DEIRO, Matias de Lourdes Chagas: **As Belas Mentiras: a ideologia
subjacente aos textos didáticos.** São Paulo. Moraes. 11ª edição.

FICHA DE RELATÓRIO DAS ATIVIDADES REALIZADAS DURANTE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE SUPERVISÃO ESCOLAR

| DATA | HORA | LOCAL | ATIVIDADE | METODOLOGIA | RECURSOS | TEMPO |
|----------|------|---|---|--|-------------------------------------|---------|
| 23/08/95 | 8:00 | Sala de aula | orientação e estudo sobre os seminários a serem apresentados. | conversas informais, textos. | Textos | 3 horas |
| 24/08/95 | 1:00 | Escola Est. de 1º grau Antônio Gomes Barbosa. | Visita a escola | Conversas informais. | Estagiária, professores | 2 horas |
| 25/08/95 | 3:00 | Esc. Est. de 1º grau Antônio Gomes Barbosa. | Lançamento da proposta de trabalho. | conversas informais e questionários. | questionários. | 3 horas |
| 29/08/95 | 8:00 | Sala de aula. | apresentação dos diagnósticos colhidos nas visitas a escola. | conversas informais e discussão dos questionários. | questionários. | 3 horas |
| 30/08/95 | 3:00 | Esc. Est. de 1º grau Antônio G. Barbosa. | contatos com professores e pessoal de apoio. | conversas informais | PESSOA | 2 horas |
| 05/09/95 | 8:00 | Casa de Cláudia. | Apresentação do seminário sobre planejamento. | Leitura de texto e discussão em grupo. | textos, cartazes | 3 horas |
| 06/09/95 | 3:00 | Esc. Est. de 1º grau Antônio G. Barbosa. | Observação em sala de aula. | como era usado o livro didático em sala de aula. | ALUNOS Professores Estagiária | 2 horas |

FORMA DE RELATÓRIO DAS ATIVIDADES REALIZADAS DURANTE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE SUPERVISÃO ESCOLAR

| DATA | HORA | LOCAL | ATIVIDADE | METODOLOGIA | RECURSOS | TEMPO |
|-----------------|----------------|--|--|---|------------------------------|---------|
| 12/09/95 | 8:00 | Sala de vídeo | Estudo sobre avaliação | Filme e debate | Fita de vídeo | 3 horas |
| 19/09/95 | 8:00 | Sala de aula | Seminário sobre objetivos. | Leitura e debate em grupo. | Texto, Esponja. | 3 horas |
| 21 e 22 e 09/95 | Manhã e Tarde. | Auditório do Campus V. | SEMINÁRIO DO PROLICEM | DEBATES E DISCUSSÃO EM GRUPO. | APOSTILAS | 6 horas |
| 05/09/95 | 3:00 | Esc. Est. de 1º grau Antônio G. Barbosa | Estudo sobre o uso do livro didático. | Leitura e discussão com os professores. | TEXTOS | 2 horas |
| 06/09/95 | 8:00 | Sala de aula | Seminário sobre Recursos e procedimentos de ensino. | Leitura, explicação e debate. | TEXTOS | 3 horas |
| 03/10/95 | 8:00 | Sala de aula | Seminário sobre o Livro Didático. | Leitura, Discussão, Explicação. | Textos, Livros Dramatização. | 3 horas |
| 04/10/95 | 3:00 | Esc. Est. de 1º grau Antônio Gomes Barbosa | Estudo sobre o livro didático e seu papel no processo ensino aprendizagem. | Leitura, explicação e debate. | Texto Cartazes | 2 horas |
| 05/10/95 | 8:00 | Sala de aula | Seminário sobre avaliação e aprendizagem. | Leitura, explicação e debate. | Texto Cartazes | 3 horas |

PLANILHA DE RELATÓRIO DAS ATIVIDADES REALIZADAS DURANTE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE SUPERVISÃO ESCOLAR

| DATA | HORA | LOCAL | ATIVIDADE | METODOLOGIA | RECURSOS | TEMPO |
|-----------------|----------------|--|---|---|---------------------------------------|---------|
| 7,24,31 e 10/95 | 8:00 | SALA DE AULA | RELATOS E TROCAS DE EXPERIÊNCIAS | DEBATE EM GRUPO | TEXTOS | 9 horas |
| 7/11/95 | 8:00 | SALA DE VÍDEO. | ESTUDO SOBRE A FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA. | FILME E DEBATE. | FITA DE VÍDEO. | 3 horas |
| 8/11/95 | 3:00 | Esc. Est. 1º grau Antônio G. Barbosa. | REVISÃO BIBLIOGRÁFICA ESTUDO TEÓRICO. | LEITURA, DISCUSSÃO EM GRUPO. | TEXTOS. | 2 horas |
| 4/11/95 | 8:00 | SALA DE AULA | ESTUDO SOBRE A FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA. | Leitura, discussão em grupo. | TEXTO CARTAZES | 3 horas |
| 5/11/95 | 3:00 | Esc. Est. de 1º grau Antônio G. Barbosa. | SISTEMATIZAÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS | RECAPITULAÇÃO DOS ESTUDOS E CONFRATERNIZAÇÃO. | TEXTOS CONVERSAS INFORMAIS | 2 horas |
| 1/11/95 | 8:00 | SALA DE AULA | TROCA DE EXPERIÊNCIAS DO ESTÁGIO | CONVERSAS INFORMAIS. | PESSOAS | 3 horas |
| 3/11/95 | 8:00 | SALA DE AULA | ORIENTAÇÃO DOS RELATÓRIOS MONOGRAFICOS. | CONVERSAS INFORMAIS. | HUMANOS | 3 horas |
| 5/12/95 | 8:00 | SALA DE AULA | ORIENTAÇÃO | CONVERSAS INFORMAIS. | HUMANOS | 3 horas |
| 1/12/95 | MANHÃ TARDE | SALA 209 | AVALIAÇÃO DO CURSO DE PEDAGOGIA | EXPLICAÇÕES, LEITURA DE RELATÓRIOS TRABALHO EM GRUPO. | APOSTILAS SLIDER GRAVADOR | 6 horas |
| 1/12/95 | 8:00 | SALA DE AULA | APRESENTAÇÃO DO TRABALHO NO ESTÁGIO - CONFRATERNIZAÇÃO. | EXPLICAÇÕES, DEBATES, LEITURAS, DEMONSTRAÇÕES DE TRABALHOS. | CARTAZES JOGOS MÚSICA TEXTOS | 4 horas |

TEXTO

O uso do Livro Didático

No estudo anterior respaldamos a questão dos conteúdos que os livros trazem em sua bagagem. Os mesmos são de certa forma contribuintes de discriminações culturais, lingüísticas, sociais.

Essas discriminações se acentuam quando o professor não tem habilidade para desmistificar o que é colocado de forma sutil e harmoniosa, desde as ilustrações até os textos nele apresentados.

O livro didático apresenta duas categorias de consumidores ou usuários: O professor que faz a escolha e o utiliza como recurso de ensino, e por conseguinte o aluno que tem no livro didático, muitas vezes o material indispensável para a absorção de conhecimentos dados as limitações dos escritos (textos, jornais, revistas, outros livros) trabalhados pela escola.

Essas limitações concorrem para que tanto professor como aluno sejam podados em sua criatividade e saber, fazendo com que o livro tenha um caráter de manual, de Bíblia.

Em 1985 foi enviado a professores e alunos de vários estados do Norte e Nordeste brasileiro um questionário que continha perguntas sobre a avaliação dos livros que utilizavam.

Os dados colhidos por OLIVEIRA (1985) afirmam que 95% dos livros adotados mereceram notas superiores a sete e, os usuários estavam

satisfeitos com o livro que usavam. Outra pesquisa realizada em 1984, no Rio de Janeiro segundo afirma FREITAG et al (1993). "Conclui que a maioria dos professores escolheu o livro com o qual estava trabalhando e 75% destes gosta do referido livro".

Jais resultados demonstram que poucos estudos têm sido realizados nas escolas a cerca do livro didático e sendo assim, os próprios usuários têm dificuldades de realizar uma análise mais minuciosas sobre tal material.

Segundo afirma ALVES et alli (1984 - p.30): "Os livros de 1ª e 4ª séries não ajudam o professor a desenvolver nos alunos o gosto a formação de hábito de leitura inteligente, nem estimulam a reflexão e a critica".

Neste sentido o livro didático ao chegar nas mãos das crianças na escola precisa ser trabalhado de forma crítica confrontando o conteúdo deste com a realidade dos alunos.

Dessa forma o papel do professor ao utilizar o livro didático é de grande importância, haja vista que ele deve ter a preocupação de saber como a criança absorve tais conteúdos. O que pode ser confirmado por FREITAG (1995 - p. 1666):

"Interessa saber também a maneira como a criança percebe e assimila os conteúdos bem ou mal veiculados pelos textos e pelo professor".

Nessa perspectiva revela-se a grande importância de como o professor trabalha o livro e por consequência os conteúdos para as crianças, transformando o que é rotineiro em produtivo, enriquecedor, fazendo com as mesmas tenha espaço para criar, refletir seu meio, onde o ensino - aprendizagem aconteça de forma satisfatória, tanto para o professor como o aluno.

BIBLIOGRAFIA

**FREITAG, Barbara. O livro didático em questão
S. Paulo, cortez 2ª edição, 1993.**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CAMPUS - V - CAJAZEIRAS - PB
PROFESSORA: MARIA ALCIDES
ALUNA: RITA DE CARCIA SOUSA SILVA**

O LIVRO DIDÁTICO: SEU PAPEL NO PROCESSO - ENSINO- APREDIZAGEM

A educação pode ser vista como elemento de formação global do indivíduo engajado nas suas relações sociais, políticas, econômicas e culturais com reflexos da sociedade que a mantém.

A escola pela função social que desempenha pode atuar como espaço possível de construção do saber sistematizado, fazendo com que o educando seja capaz de recriar o mundo do qual faz parte.

Recriar significa participar ativamente das atividades escolares engajando-se nos motivos da comunidade, nas reivindicações coletivas no ambiente no qual está inserido.

Para que a escola cumpra a sua função social é preciso que repense a sua transmissão do saber e questione o modo como trabalha os conteúdos curriculares.

Uma que a escola de modo geral, repassa tais conteúdos é através do livro didático.

Esse livro didático tem um papel importante no processo-ensino-aprendizagem por, constituir muitas vezes no único material escrito encontrado na sala de aula e conseqüentemente na vida das crianças em

cujas moradias não há ambiente propício à leitura, conforme afirma MOLINA (1988 - p - 18):

“O livro didático adquire especial importância quando se atenta para o fato de que ele pode ser muitas vezes, o único livro com que a criança tem contato. Considerando-se o fato de que ao deixar a escola pode ocorrer que jamais tornem a pegar em livros. Percebe-se que muitos cidadãos o livro didático termina por “o” livro.”

Embora o livro traga no seu bojo tamanha responsabilidade o que é questionável é a forma com que a escola o utiliza reforçando a divisão da sociedade em classes, sendo portanto um instrumento ideológico, a serviços dos dominantes, o que pode ser confirmado por FARIA (1994):

“O livro didático é um dos veículos utilizados pela escola para transmissão da ideologia burguesa”.

Essa ideologia é transmitida muitas vezes através das gravuras das situações, das histórias narradas e principalmente através dos conceitos morais e lingüísticos etc..

Entretanto seja qual for a forma de trabalho o livro didático, este assume o papel significativo vez que "é um elemento tão presente na sala de aula quanto o professor", havendo aqueles professores "que chegam a proibir a entrar na sala de aula os alunos que não tenham trazido o livro" MOLINA (1988 - p - 13).

Apartir de 1985 foi oficializada a escolha do livro didático pelo professor, o que traz na sua envergadura novas preocupações.

As condições de vida dos professores em modo geral os impede de ler jornais, revistas, que possam abrir os horizontes a cerca do que se publica, como e com quais objetivos.

Assim os professores escolhe através de catálogos aqueles mais conhecidos reforçando o que nos afirma MOLINA (1988 - P. 24):

"Quem edita mais divulga mais e, com isso torna-se um círculo vicioso: As editoras mais poderosas exercem maior pressão sobre os professores".

Acrescenta-se a isso a precária formação política-pedagógica da maioria dos professores e a pouco ou nenhuma familiaridade com novos livros tornando sem validade a oportunidade de escolha.

Dessa forma as condições de trabalho dos professores "obrigam a ter mais de um emprego e praticamente não lhe sobra tempo para preparar uma aula, antes de entrar na sala" a alternativa é realmente abrir livro baseia-se nele (NOVA ESCOLA) n° 37 p. 40.

Tal constatação nos remete a questão maior do hábito de leitura que tem os professores. O professor que lê pouco passa sublinaramente para seus alunos o desprezo pela leitura. Segundo FREITAG (1993) "Os hábitos da não-leitura do professor são repassados aos alunos".

Outra questão que apresenta é o comodismo que o livro didático traz em sua bagagem. Não só os livros didáticos de leitura mas de matemática, de estudos sociais etc..

A maioria dos livros acomoda tanto os professores como os alunos no desenvolvimento das atividades rotineiras tornando as aulas monótonas e repetitivas.

Essa prática de trabalho com livro na sala de aula, além de amortecer a dinâmica de prática docente limita a criatividade do aluno por não estimular o lado artístico, a expressão oral e escrita, o manuseio de materiais que desenvolvem o aspecto lógico, matemático, o afetivo e psicomotores.

Nesse enfoque, o trabalho inerte, com o livro didático, restringe os conhecimentos por não exigir do professor pesquisas a outras fontes tornando mero repetidor das idéias do autor.

Os exercícios e atividades sugeridas na maioria dos livros não desenvolve o raciocínio por serem mercanzados, estimulam a descoberta e inibe a construção do saber.

Por isso, discutir o livro didático no processo torna-se no momento central extremamente relevante pelas inúmeras questões que suscita em torno do papel que ele desempenha na sala de aula no contato direto com os alunos e professores, sendo portanto de grande interesse a todos os educadores.

BIBLIOGRAFIA

FARIA, Ana Lúcia de. Ideologia do Livro didático. S. Paulo, Cortez, 11ª edição, 1994.

FREITAG, Barbara. O livro didático em Questão. S. Paulo, Cortez 2ª edição, 1993.

MOLINA, Olga. Quem engana Quem? Professor x Livro Didático. 2ª edição. Campinas. S. Paulo.